

Depoimento Anelito de Oliveira sobre trajetória de Eleonora Santa Rosa

O quadro desolador da cultura no país nos últimos dez anos nos leva a recordar com certa nostalgia tudo que Eleonora Santa Rosa logrou representar. Seu trabalho articulou dimensões diversas - o público e o privado, o histórico e o estético, o efêmero e o eterno - de um modo extraordinário. Um dado central do pensamento singular de Affonso Ávila sempre me pareceu muito claro no seu gesto de gestora cultural: uma linha de tradição e uma atitude de vanguarda. Essa linha sempre foi, por sua vez, de uma tradição de ruptura, nos termos de Octavio Paz, de releitura crítica do passado, capaz de separar elementos significativos da massa enganosa de "fait divers", de variedades ornamentais. E sua atitude de vanguarda, na linha do mestre da barroquidade, nunca foi espetacular, submissa a conveniências mercadológicas.

Compreendi desde o início, em face do seu trabalho editorial à frente das publicações da Fundação João Pinheiro, o viés de excelência da jornalista, escritora, intelectual e empresária. Sua gestão à frente da Secretaria de Estado da Cultura de MG foi, sem dúvida nenhuma, a mais brilhante em termos de um pragmatismo sensível fundamental ao trato da cultura no país das aculturações interessadas. Glosando Oswald de Andrade do "Manifesto Pau-Brasil" ("a poesia para os poetas"), talvez se possa dizer que a gestora Eleonora se distingue por reivindicar a cultura para os cultores, para quem cultiva o "cultus", para os "colonos", isto é, para quem ocupa o "colo" (a cultura). No devir Brasil da cloroquina em que estamos, contexto em que as Minas desempenham um papel deplorável, Eleonora é fundamental. (21/10/2021)